

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-1 – ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SOBRE A COMPETÊNCIA ÉTICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Isa Maria Freire (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

ON ETHICAL COMPETENCE IN INFORMATION SCIENCE

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Relata resultados de exercício teórico a propósito dos desafios epistemológicos da Ciência da Informação, na perspectiva da responsabilidade social dos profissionais da informação e no contexto do regime de informação de um projeto de pesquisa na comunidade científica, no âmbito da sociedade em rede. Objetiva destacar o fio conceitual da responsabilidade social, que constitui o eixo central na urdidura da trama da rede conceitual que está sendo tecida no tear interdisciplinar da Ciência da Informação, em paralelo com os fios conceituais do espaço do saber e com a consequente nova relevância de um fenômeno antigo, agora mediado por tecnologias intelectuais digitais, e a hegemonia do regime de informação sobre os demais sistemas produtivos. Utiliza a pesquisa bibliográfica para buscar informações sobre uso do conceito de competência ética na Ciência da Informação, bem como no campo científico, em geral. Discorre sobre a possibilidade de desenvolvimento de projetos de inteligência coletiva fundamentados na competência ética, em comunidades de sujeitos sociais que compartilham uma mesma forma de vida, na sociedade em rede.

Palavras-Chave: Responsabilidade social. Competência ética. Profissionais da informação. Sociedade em rede. Ciência da Informação - Interdisciplinaridade

Abstract: It reports the results of a theoretical exercise on the epistemological challenges of Information Science, from the perspective of the social responsibility of information professionals and in the context of the information regime of a research project in the scientific community within the network society. It highlights the conceptual thread of social responsibility, which is the central axis in the warp of the conceptual network, that is being woven in the interdisciplinary loom of Information Science, parallel to the conceptual threads of the space of knowledge, with the consequent new relevance of an old phenomenon, now mediated by digital intellectual technologies, and the hegemony of the information regime over other productive systems. It uses bibliographical research to seek information on the use of the concept of ethical competence in Information Science, as well as in the scientific field, in general. In this context, it discusses the possibility of developing collective intelligence projects based on ethical competence, in communities of social subjects that share the same way of life, in network society.

Keywords: Social responsibility. Ethical competence. Information professionals. Networked society. Information Science – Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

Nosso propósito é seguir o fio de reflexões realizadas em trabalhos anteriores, a propósito dos desafios éticos da Ciência da Informação, na perspectiva da responsabilidade social dos profissionais da informação e no contexto do regime de informação de um projeto de pesquisa na comunidade científica, no âmbito da sociedade em rede.¹

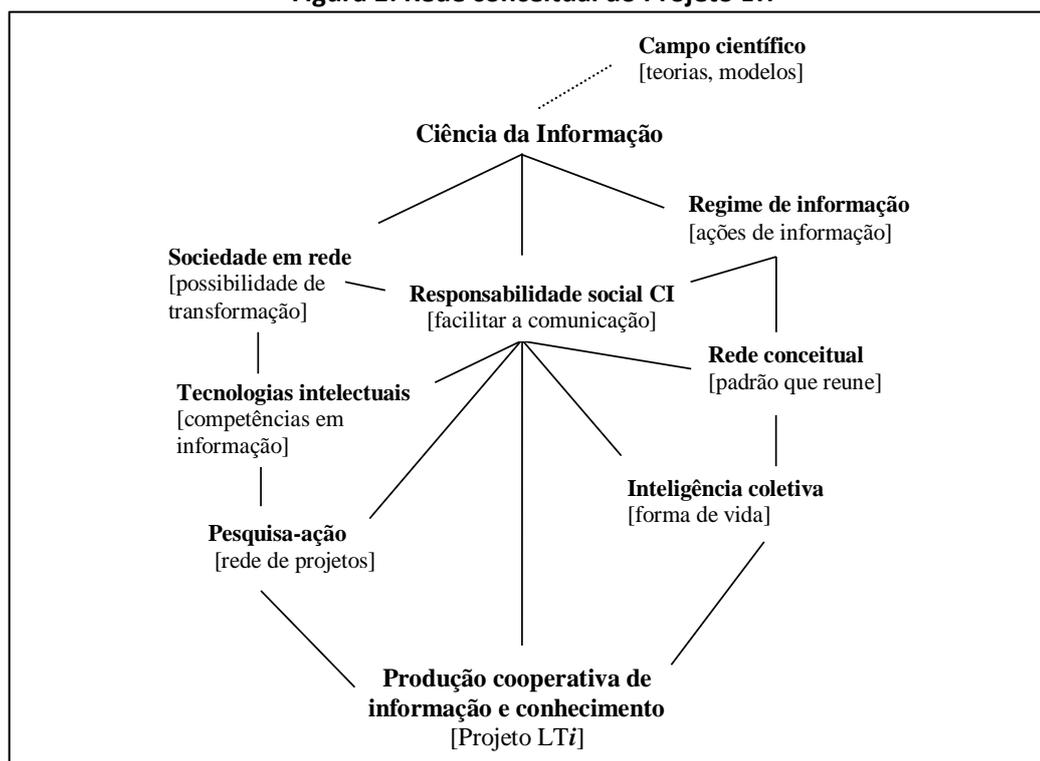
Em 2013 realizamos uma pesquisa exploratória buscando os “Indícios da temática *responsabilidade social* na literatura da Ciência da Informação indexada pela Base de Dados da Ciência da Informação (Brapci).² Verificamos que a produção sobre a temática vem crescendo na literatura brasileira, em número de autores e artigos, abordando temas relacionados à *epistemologia* (responsabilidade social como fundamento da Ciência da Informação), à *teoria* (ações de política e gestão na sociedade da informação) e à *aplicação* (gestão em unidades de informação). No contexto que tecemos, com os instrumentos utilizados, encontramos evidências plausíveis e aceitáveis de que essa temática conta com o interesse de um núcleo de pesquisadores que aplicam essa abordagem a diversos problemas de informação na sociedade brasileira. Como fazemos no Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTI.

Nesse contexto, o fio da *responsabilidade social* constitui o eixo central na urdidura da trama da rede conceitual (WERSIG, 1993) que estamos tecendo no tear interdisciplinar da Ciência da Informação, com outros fios da urdidura representados pelo *espaço do saber*, com a “nova relevância de um fenômeno antigo” (WERSIG, NEVELING, 1975, p.173), a par da crescente hegemonia do regime de informação sobre os demais sistemas produtivos, e a possibilidade de uma *inteligência coletiva* fundamentada no *laço social* e nas *qualidades humanas*. Representamos essa rede conceitual como segue:

¹ Disponível em: www.lti.pro.br.

² Disponível em: <http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/137/234>.

Figura 1: Rede conceitual do Projeto LT*i*



Fonte: Freire, 2016.

Nesse contexto, como demonstrado por Freire (2013) em sua análise das ações de informação no regime de informação do LT*i*, o modelo de abordagem para intervenção em um regime de informação no espaço acadêmico com a finalidade de produção e compartilhamento de informação e conhecimento entre os participantes, além do promover o desenvolvimento de habilidades de busca, recuperação, organização, apropriação, produção e disseminação de informações relevantes para usuários científicos e outros grupos de interesse, na sociedade.

No presente exercício, acrescentamos à rede conceitual o fio da *competência ética* conforme Francisco Varela³, com o qual trabalhamos em pesquisa aplicada ao ensino da disciplina Ética da Informação, nos cursos de Bacharelado em Arquivologia e Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, no âmbito da rede de projetos do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*.⁴

³ Um dos criadores das Ciências Cognitivas, que dividiu com Humberto Maturana a proposição de *autopoiese*, ou auto-organização, dos seres vivos.

⁴ Conforme Freire *et al.* 2013; 2015.

Introduzimos, assim, esse conceito na da trama da nossa abordagem da responsabilidade social na ambiência do regime de informação de uma comunidade que compartilha uma forma de vida acadêmica⁵, no espaço do saber da sociedade em rede.

2 URDIDURA E TRAMA⁶ NO TEAR INTERDISCIPLINAR

Desde 2010 estamos trabalhando na aplicação de uma abordagem da ética na sociedade em rede, trazendo para a rede conceitual da responsabilidade social da Ciência da Informação o construto de *inteligência coletiva* de Pierre Lévy.

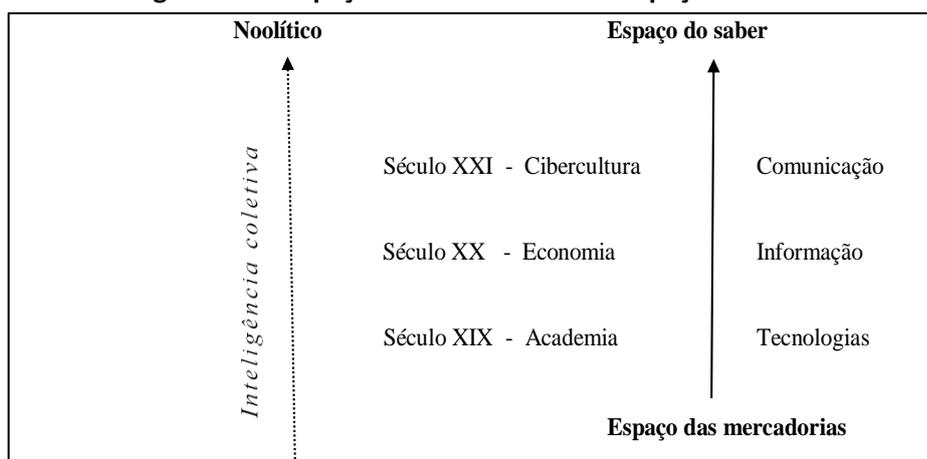
Esse autor propõe que ao longo do tempo histórico as sociedades humanas desenvolveram *espaços antropológicos*, que se iniciam com a possibilidade de exploração do primeiro grande espaço aberto à nossa espécie: a *Terra*. Os modos de conhecimento específicos desse primeiro espaço são os mitos e os ritos. O segundo espaço, do *Território*, emergiu com o neolítico e suas inovações socioculturais: a agricultura, a cidade, o estado e a escrita. Aqui, “começa a história e o desenvolvimento dos saberes de tipo sistemático, teórico ou hermenêutico”, e surgem “as organizações orientadas por lógicas de pertencimento ou de exclusão”. O terceiro espaço, das *Mercadorias*, tem o fluxo como princípio organizador: fluxo de energias, de matérias-primas, mercadorias, capitais, mão-de-obra, informações. Supera os anteriores em velocidade. Desse estágio emerge o *espaço do saber*, caracterizado pela inteligência e pelo conhecimento coletivos, com uma função hegemônica sobre os demais, no rumo do *neolítico* (Idade do Silício⁷).

⁵ Comunidade formada por docentes e discentes de instituição de ensino superior, como, p.ex., a Universidade Federal da Paraíba.

⁶ “A urdidura é o conjunto de fios do mesmo tamanho posicionados longitudinalmente ao longo do tear. [...] A trama é o fio que corre por cima e por baixo, sempre entre o conjunto de fios de urdidura. Ela percorre as mais variadas posições para formar o tecido”. DONATO, 2014.

⁷ “[...] um dos principais componentes do mundo eletrônico, a base para todos os processadores presentes nos computadores atuais”. **Canaltech**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/hardware/o-que-e-silicio-e-por-que-os-microchips-sao-feitos-desse-material/>.

Figura 2: Do espaço das mercadorias ao espaço do saber



Fonte: Freire, 2016.

É no contexto da disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação que emerge, na sociedade contemporânea, o *espaço* caracterizado pela “inteligência e [...] saber coletivos, cujo advento definitivo não está em absoluto garantido por [...] leis da história” (LÉVY, 2000, p.24) e que teria a vocação de comandar os demais espaços. Nele, seria necessário “[...] engajar a singularidade, a própria identidade *pessoal* na vida profissional”, numa dupla mobilização subjetiva, “bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro” (LÉVY, 2000, p.23). Pois, na sociedade em rede, “o saber tornou-se a nova infraestrutura” (LÉVY, 2000 p.19).

Na visão do autor, no *espaço do saber* as TDIC devem nos permitir “compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é a condição elementar da inteligência coletiva”, engajando a identidade pessoal na atividade profissional, numa dupla mobilização: individual, mas coletiva, ética e cooperativa. Nesse processo de construção da inteligência coletiva, destaca-se a relevância de uma *engenharia do laço social*, que pode ser vista como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (LÉVY, 2000, p.20).

2.1 A Ambiência da Rede

Os termos ‘sociedade da informação’, ou mais recentemente ‘sociedade em rede’, representam um sistema social que historicamente resulta de inovações nas tecnologias de informação e comunicação, as quais, em conjunto com a relevância econômica e política da informação, provocaram profundas alterações nos diversos setores da sociedade, embora

sua importância e influência seja distribuída desigualmente nos seus diferentes estratos sociais e localizações geográficas.

Nessa nova ordem econômica mundial, que se anuncia nas explanações científicas e na economia das tecnologias digitais, é que ocorre a “nova relevância de um fenômeno antigo” [8] e o *regime de informação*, com seus sistemas de informação e linguagens documentárias, inicia sua hegemonia sobre o regime industrial, na sociedade contemporânea (UNGER; FREIRE, 2008, p.85, *italico* nosso).

Na sociedade contemporânea,

[...] o acesso à informação torna-se um fator-chave na luta contra a pobreza, a ignorância e a exclusão social [e por essa razão] não se pode deixar apenas nas mãos das forças do mercado o cuidado de regular o acesso aos conteúdos das ‘autovias da informação’. Pois são esses conteúdos que vão tornar-se o desafio fundamental do desenvolvimento humano nos âmbitos da sociedade da informação (QUÉAU, 2001, p.476).

Com relação a esse desafio, lembramos as sugestões de Araújo (2001, p.12) no que diz respeito à atuação dos cientistas e profissionais da informação, na sociedade em rede,

[Pois] se a informação é a mais poderosa força de transformação do homem [o] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo (ARAUJO, 1994. p.84).

E aqui se revela o pressuposto da nossa abordagem: a responsabilidade dos profissionais da informação na sociedade contemporânea, muito menos no que diz respeito à competência no uso das tecnologias e muito mais no que representa como uma visão de mundo⁹. Essa visão nos remete à aposta de Pascal retomada por Lucien Goldmann como fundamento da filosofia dialética:

[...] A aposta é fundamentalmente a expressão do paradoxo do homem e sua condição. Para que o homem viva como homem, ele deve engajar sua vida sem reservas, na esperança de um valor autêntico cujo sinal mais claro é que ela é *realidade*. É o paradoxo fundamental da condição humana: a união dos contrários, a união do espírito e da matéria, [...] porque essa realidade dupla é *encarnação* (GOLDMANN, 1979, p.194, em *italico*, no original)¹⁰.

⁸ WERSIG; NEVELING, 1975 citados por Freire, 2001.

⁹ Conforme Goldmann (1979, p.99), as visões do mundo são fatos sociais e as obras filosóficas e artísticas (acrescentamos científicas) configuram “expressões coerentes e adequadas dessas visões do mundo”. São expressões individuais e sociais ao mesmo tempo (FREIRE, 2001, p.73).

¹⁰ O texto original foi publicado em 1954. Sobre a “aposta” de Goldmann no campo da Ciência da Informação, ver Freire, 2001 e 2010.

Goldmann (1979) aposta na capacidade dos indivíduos construírem uma verdadeira comunidade humana no futuro e fundamenta nossa reflexão sobre a responsabilidade social da Ciência da Informação e o papel dos profissionais da informação, na sociedade em rede. Pois neste modelo adentramos o *ciberespaço*¹¹: redes mundiais de universitários e pesquisadores, redes empresariais, correios eletrônicos, comunidades virtuais e outras. Nesse contexto, “*O atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas*” (LÉVY, 2000, p.11. Em itálico, no original). Na visão de Wertheim (2001, p.32),

[...] o ciberespaço está vindo à luz numa explosão ante nossos próprios olhos [...] Estamos testemunhando o nascimento de um novo domínio, um novo espaço que simplesmente não existia antes. [...] temos aqui uma versão digital da expansão cósmica de Hubble, um processo de criação de espaço. [...] Esse espaço formou-se, a partir do nada, em pouco mais de um quarto de século, o que faz dele o ‘território’ de mais rápido crescimento da história.

Nesse processo, a cibercultura

[...] acompanha o desenvolvimento da Internet, do ciberespaço, mas também de novas técnicas de representação (imagens numéricas, realidade virtual, televirtualidade, comunidades virtuais...). Ela é fundamentalmente ligada à mundialização em curso e às mudanças culturais, sociais e políticas, [e] apoia-se sobre esquemas mentais, modos de apropriação social, [criando] uma enorme quantidade de comportamentos inovadores cujas conseqüências sociais e culturais ainda não puderam ser suficientemente estudadas (QUÉAU, 2001, p.478).

No espaço do saber as tecnologias digitais de informação e comunicação nos permitem criar e percorrer mundos virtuais, colocando sobre novas bases os problemas do *laço social* e abrindo possibilidade não somente para pensarmos coletivamente a aventura humana, mas, principalmente, para influenciá-la “mediante invenção de formas de pensar e se relacionar que contribuam para fazer emergir inteligências coletivas na humanidade” (LÉVY, 2000, p.33). Pois na sociedade contemporânea, que conjuga o futuro no presente, “o saber tornou-se a nova infra-estrutura” (LÉVY, 2000, p.19).

Para Lévy (2000, p.18), a nova dimensão da comunicação humana no *espaço do saber* deveria nos permitir “compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é a condição elementar da inteligência coletiva”. Por sua vez, no espaço do saber seria

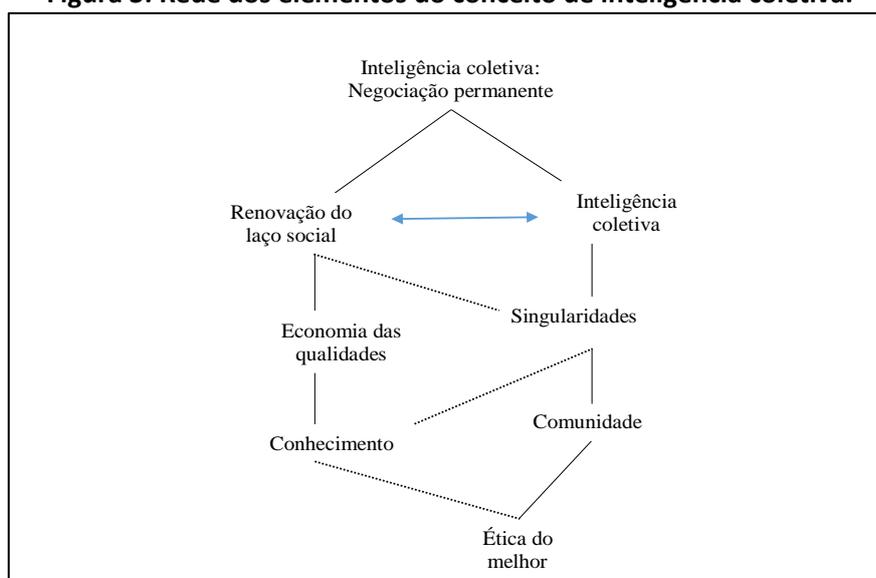
¹¹ “[...] palavra de origem americana, empregada pela primeira vez [por] William Gibson, em 1984 no romance *Neuromancien*. [...] designa ali o universo das redes digitais, [a] nova fronteira econômica e cultural. [Hoje,] designa [tanto os suportes informacionais quanto] os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social, por eles propiciados” (LÉVY, 1999. p.104, em itálico, no original).

necessário “engajar a singularidade, a própria identidade *pessoal* na vida profissional”, numa dupla mobilização subjetiva, “bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro” (LÉVY, 2000, p.23, em itálico, no original).¹² Nesse contexto, o autor esclarece que

[...] a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão ‘trabalhar em comum acordo’ [...] Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. [...] Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da *renovação do laço social* por intermédio do conhecimento e o da *inteligência coletiva* propriamente dita (LÉVY, 2000, p.26, em itálico, no original).

Uma inteligência distribuída por toda parte: eis o axioma proposto por Lévy. Em um coletivo inteligente, a comunidade assumiria como objetivo a “negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória” (LÉVY, 2000, p.31). Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um “processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”, e nele uma engenharia do *laço social* torna-se extremamente relevante podendo ser vista como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (LÉVY, 2000, p.32. Em itálico, no original). O núcleo da engenharia do *laço social* é a *economia das qualidades humanas* e sua ação implica uma *ética da inteligência coletiva* (LÉVY, 2000, p.33).

Figura 3: Rede dos elementos do conceito de inteligência coletiva.



Fonte: Elaborado pela autora (2017), baseado em (LÉVY, 2000).

¹² Nesse ponto, e a nosso ver, encontramos na utopia da inteligência coletiva de Lévy (2000), indícios da filosofia de Pascal, conforme descrita por Lucien Goldmann (1979).

Desse modo, Lévy (2000, p.208 e 147) termina por afirmar sua inteligência coletiva como “uma utopia do instável e do múltiplo”, que responderia “a uma ética do melhor, mais que a uma moral do Bem”, definindo os coletivos intelectuais como “meios humanos que encorajam as subjetividades a se singularizar continuamente”. Esse quadro referencial nos permite situar a *inteligência coletiva* de Lévy (2000) no âmbito das *utopias planetárias* de Matterlart (2002) e, como corolário, indício de uma consciência possível para uma ética da informação, na sociedade em rede.¹³

2.2 “Sobre a Competência Ética”¹⁴

Mas nosso propósito não é apenas refletir, mas, especialmente, contribuir para a formulação e discussão de modelos de intervenção no regime de informação do ciberespaço, criando oportunidades para um projeto de inteligência coletiva na comunidade acadêmica. Nesse sentido, estamos experimentando entrelaçar, na rede conceitual, o fio conceitual da competência ética na visão de Varela (1995), de modo a aproximá-la da perspectiva de uma inteligência coletiva fundamentada nas qualidades humanas, no contexto da responsabilidade social da Ciência da Informação.

Nosso exercício sobre a competência ética se fundamenta na publicação da transcrição de uma palestra de Francisco Varela¹⁵ na Coleção Fórum, das Edições 70 de Lisboa, em 1995. Na apresentação, o tradutor destaca a tese fundamental de Varela: “o observador como sistema vivo, autopoietico, considerado no “complexo de suas interações com o meio, e integrado num contexto histórico e social”, o qual, por sua vez, é visto “como resposta à pressão do devir biológico da espécie [o que] implica uma circularidade inextrincável com o percebido” (MORÃO, 1995, p.7).

Varela inicia sua fala esclarecendo sua incursão no ‘território do pensamento ético’: “Se me disponho a tomar [...] esta posição quanto à ética é porque creio [...] que cultivá-la num ângulo não moralista é crucial para o nosso confuso [...] mundo contemporâneo” (p.11-12). Sua tese é que a ética “está mais próxima da sabedoria do que da razão, mais próxima da compreensão de que coisa deve ser o bem do que da formulação de princípios corretos

¹³ Conforme Freire, 2010.

¹⁴ Neste item, para citações dentro do texto usaremos como representação apenas o número da página. Todas as citações são reproduzidas de VARELA (1995).

¹⁵ No âmbito das *Lições Italianas*, ciclo de palestras na Universidade de Bologna, Itália. Nossa pesquisa não identificou nenhum outro registro de produção de Varela abordando o tema.

(p.14). Nesse contexto, uma pessoa sábia (ou virtuosa) seria aquela “que conhece o que é o bem e o põe espontaneamente em prática”, e é essa ‘mediatividade de percepção-ação’ que Varela (p.14) se propõe a examinar criticamente na sua palestra.

Como primeiro passo nesse percurso, ele se indaga: “Por que haveria de se confundir o comportamento ético com o juízo moral?”. Na sua interpretação, a resposta a essa questão sempre reflete o ponto de vista da tradição ocidental, dirigida pela valorização da racionalidade, e dificilmente reflete o que as pessoas verdadeiramente fazem na vida cotidiana. Todavia, é no *confronto imediato* com os acontecimentos em uma dada situação na vida cotidiana que realizamos ações éticas, quando “a própria situação as faz emergir do nosso íntimo [da nossa memória corporificada]” (p.15).

Para Varela, é importante considerar tanto a habilidade de reflexão e a análise quanto a *habilidade de confronto imediato*, em seus distintos papéis e respectivas relevâncias. Citando Dewey: “Pode dizer-se [...] que, mediante os nossos hábitos, sabemos como comportar-nos [...] fazemos uma infinidade de actos úteis sem neles pensar. Sabemos alguma coisa: isto é, sabemos como fazê-los” (DEWEY, 1922 citado à p.28). Nesse ponto da sua inflexão, ele sublinha a diferença entre

[...] *know-how* e *know-what*, [...] entre habilidade ou capacidade de confronto imediato (*savoir faire*) [perícia] e conhecimento intencional ou juízos racionais. [No centro de um ponto de vista emergente nas ciências] reside a convicção de que as unidades apropriadas de conhecimento são, antes de mais, concretas, *corporificadas*, vividas (VARELA, 1995, p.16).

Nesse contexto, as estruturas corporizadas (sensório-motoras) são a *substância da experiência* e essas estruturas fundadas nas experiências do cotidiano “causam” a compreensão conceptual e o pensamento racional, postulando que, uma vez que percepção e ação são corporificadas mediante processos sensório-motores, as estruturas cognitivas *emergem* de esquemas recorrentes de atividades sensório-motoras (p.25). Varela reconhece a relevância dessa *presteza para a ação* “própria de toda a específica situação vivida”, que constitui, efetivamente, o verdadeiro “trabalho duro” da espécie humana, a partir do momento em que requereu um longo tempo evolutivo para desenvolver as habilidades de base. Pois em termos de evolução cognitivo-linguística, as análises racionais e intencionais criadas e apreendidas ao longo da existência humana desenvolveram-se só recentemente, e com muita rapidez, em comparação à evolução biológica.¹⁶

¹⁶ Conforme Tomasello, 2003.

A essa altura da palestra, Varela (p.28), resume o seu discurso:

[...] meu objetivo principal até agora foi mostrar que a maior parte da nossa vida mental e activa está centrada na capacidade de confronto imediato, a qual é transparente e estavelmente adquirida ao longo da história. Não vemos que não vemos ... [essas ações são *transparentes* para nós, não as percebemos] (VARELA, 1995, p.28).

Para lidar com os problemas derivados da inconsciência sobre nosso *saber fazer*, Varela (p.22) propõe uma abordagem enactiva da cognição, na qual a realidade não é um dado e depende do percipiente (do observador), “porque o que *conta* como mundo relevante é inseparável do que a estrutura do percipiente é”. O autor destaca a importância de dois pontos recorrentes e ligados entre si: “(1) A percepção é formada por ações perceptivamente guiadas; (2) As estruturas cognitivas brotam de esquemas sensório-motores recorrentes, que capacitam a ação para ser perceptivamente guiada”.

Nesse contexto, uma abordagem enactiva busca identificar os “princípios comuns” ou as “conexões apropriadas” entre sistemas sensoriais e motores, “os quais explicam como é que a acção pode ser *perceptivamente guiada* num mundo que *depende do percipiente*” (p.22. *Itálico, no original*). Essa é uma trilha que Varela aponta como produtiva no território das Ciências Cognitivas, e com ela encerra essa primeira parte¹⁷ da palestra, que nos interessa diretamente:

[Como espero ter demonstrado] uma enorme parte da nossa vida – trabalhar, mover-se, falar, comer – se manifesta como saber-fazer; [nessa] lista, além do comer e do mover-se, [...] poderemos ainda acrescentar: responder às necessidades dos outros.

[...] por outro lado, passamos só uma exígua parte da nossa vida na análise deliberada, explícita, que é peculiar ao saber intencional. Todavia, esta última categoria é aquela de que mais facilmente nos damos conta e, por conseguinte, a que sobretudo esteve no centro da atenção dos filósofos e cientistas.

[Nesse contexto,] Adquirimos o nosso comportamento ético da mesma maneira que todos os outros modos de comportamento: tornam-se-nos transparentes enquanto crescemos na sociedade. Eis o motivo por que a aprendizagem, como sabemos, é circular: aprendemos o que supostamente nós somos para nos aceitarem como estudantes. Semelhante imitação social tem raízes profundas [...].¹⁸

¹⁷ Na segunda parte, Varela fundamenta sua competência ética a partir da filosofia oriental. Essa abordagem não é relevante para nossa pesquisa, por isso não será considerada.

¹⁸ Marcamos este parágrafo como uma *nota* para refletir, na continuidade da pesquisa, sobre uma possível homologia entre os construtos *micromundos*, de Varela, e *habitus*, de Bourdieu.

A esta luz, então, um especialista ético é apenas, sem tirar nem pôr, um participante a título inteiro numa comunidade: todos somos peritos enquanto todos pertencemos a uma tradição amplamente articulada, na qual nos movemos com comodidade. Além disso, nas comunidades tradicionais, há modelos de competência ética indicados como únicos (os “sábios”). Na nossa moderna sociedade, tais modelos do papel da competência ética são discutíveis e múltiplos [...] (VARELA, 1995, p.31-33).

Destacamos, nesse contexto, a função social do campo científico e o papel da do profissional da informação na sociedade em rede, objeto de nossa reflexão no escopo da responsabilidade social da Ciência da Informação.

3 SOBRE *COMPETÊNCIA ÉTICA* NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Uma revisão bibliográfica preliminar no Google Acadêmico¹⁹ localizou pequena quantidade de registros marcados com o termo “competência ética”, e as sugestões de fontes de informação apresentadas no relatório da pesquisa se referem aos termos “competência” e “ética”, separadamente. Mas, quando acrescentamos “Francisco Varela” ao termo “competência ética” recebemos um relatório rico em menções ao texto publicado em 1995, numa literatura dominada pelas questões da Biologia, da Psicologia, da Comunicação e, principalmente, da Educação. Na área da Ciência da Informação, nas dez primeiras páginas do relatório encontramos dez artigos publicados por 12 autores em periódicos. Também nessa amostra da literatura identificamos a dispersão dos termos “competência” e “ética”, embora seja possível identificar referências à publicação de Varela (1995).

Sobre a produção sobre a temática “ética” no território da literatura da área de Ciência da Informação, recorreremos ao relato de pesquisa de Bufrem *et al.* (2008), que analisaram artigos recuperados na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci)²⁰ a partir dos termos “ética” e “moral” identificados em títulos, palavras-chave e/ou resumos. Os artigos analisados pelos autores tratam da contribuição do paradigma digital “para a formulação de um novo projeto ético do domínio científico”, da ética associada à pesquisa e à produção científica, evidenciando “o compromisso da ética com os saberes”, que representaria “um olhar atento [dos autores dos artigos] sobre a relação da sociedade com o saber científico produzido” (p.229). Também foi identificado “O interesse pela dimensão prática da ética no cotidiano do trabalhador”, como contribuição a uma “ética da

¹⁹ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>.

²⁰ Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/>.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

contemporaneidade”, sem perder de vista “sua presença em toda ação humana” (BUFREM *et al.*, 2008, p.228-229).

O ano de 2005 corresponde à maior concentração de artigos (oito), caracterizando um período particularmente marcado pelo debate de novos imperativos éticos, provocado pelas transformações crescentes geradas pela incorporação de novas tecnologias, impondo-se um repensar do homem extensivo à sua dimensão profissional (BUFREM *et al.*, 2008, p.230).

No âmbito do território bibliográfico da Ciência da Informação que exploramos no presente exercício, identificamos que Belluzzo (2005) e Vitorino (2008; e em co-autoria com Pellegrini, 2009; 2015; e Piantola, 2009, 2011) são as pesquisadoras que mais se aproximam de uma abordagem das habilidades ou competência ética, destacando-se a abordagem relacionando a atuação ética dos bibliotecários à formação profissional e competência informacional, no contexto da sociedade em rede:

Fundamentadas nas diferentes concepções, entende-se que a competência em informação deve ser compreendida como uma das áreas em que o processo de ensino e aprendizagem esteja centrado. Constitui-se em processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida (BELLUZZO, 2004).

A nosso ver, a visão de Belluzzo (2004 e 2005) se aproxima da abordagem de Varela (1995) ao destacar a relevância da aprendizagem tanto de conceitos quanto de atitudes, valorizando o trabalho cooperativo entre educadores e bibliotecários. Na continuidade da presente pesquisa, será necessário ampliar o território da pesquisa bibliográfica, de modo a identificar outros relatos de pesquisa onde Belluzzo compartilhou sua perspectiva sobre ética e competência informacional para bibliotecários e demais profissionais da informação.

Vitorino apresentou, em 2008, resultados preliminares de pesquisa desenvolvida no âmbito da pós-graduação quando, “De modo ideal, [apresentou] questões determinantes das discussões [sobre] profissões e [...] profissionalismo e os cenários – social, econômico, tecnológico, pesquisa e ensino que se apresentam à formação contínua de Profissionais da Informação [...]”. (p.1). No ano seguinte, em coautoria com Piantola, a autora caracterizou a competência informacional em “quatro dimensões: técnica, estética, ética e política, que servem ambas, tanto à competência e à informação, como à educação [...]” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p.139). Resultados de pesquisa sobre a dimensão ética da competência

informacional dos bibliotecários, em coautoria entre Vitorino e Pellegrini, foram compartilhados em 2009 e em 2015, tendo como eixo central “a ideia de *responsabilidade*, que está articulada com a de *liberdade* e à noção de *compromisso* [...]. No compromisso, o indivíduo empenha a sua palavra, criadora de valores, de significações” (PELLEGRINI; VITORINO, 2015, s.p.).

A abordagem das autoras, por seus aspectos educacional e filosófico, também se aproxima da nossa hipótese da relevância de uma competência ética, representada por uma presteza para ação no cotidiano, aqui contextualizado na ambiência da formação profissional na forma de vida de uma comunidade acadêmica. Mas ainda não encontramos, no território da literatura da Ciência da Informação, uma abordagem que considere a proposição de Varela (1995), ao mesmo tempo em que reconhecemos que estamos no início de um processo reflexivo que entendemos nos levar à aplicação de um modelo enactivo às ações para competência ética na formação dos profissionais da informação, na ambiência da sociedade em rede.

É nesse sentido que compartilho minhas observações sobre uma abordagem da competência ética no campo da Ciência da Informação, a partir da abordagem de Varela.

A competência ética consiste no reconhecimento da exigência, na vida humana, de uma prática transformadora, fundamentada em um saber próprio que afirma nossa condição de espécie gregária, solidária e consciente de si e do outro. Nessa abordagem, a competência ética seria ao mesmo tempo pessoal e social, individual e coletiva, biológica e cultural — como no processo da inteligência coletiva.

Destarte, a tese de Varela se fundamenta na visão do observador [sujeito] como um sistema vivo, autopoietico, isto é, auto-organizador, como propõe González de Gómez (2012, p.43) sobre o regime de informação,

[um] modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigente em certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem.

Nesse sentido, o conceito se aproxima da ideia de Varela sobre as unidades apropriadas de conhecimento como sendo, antes de mais nada, concretas, corporificadas,

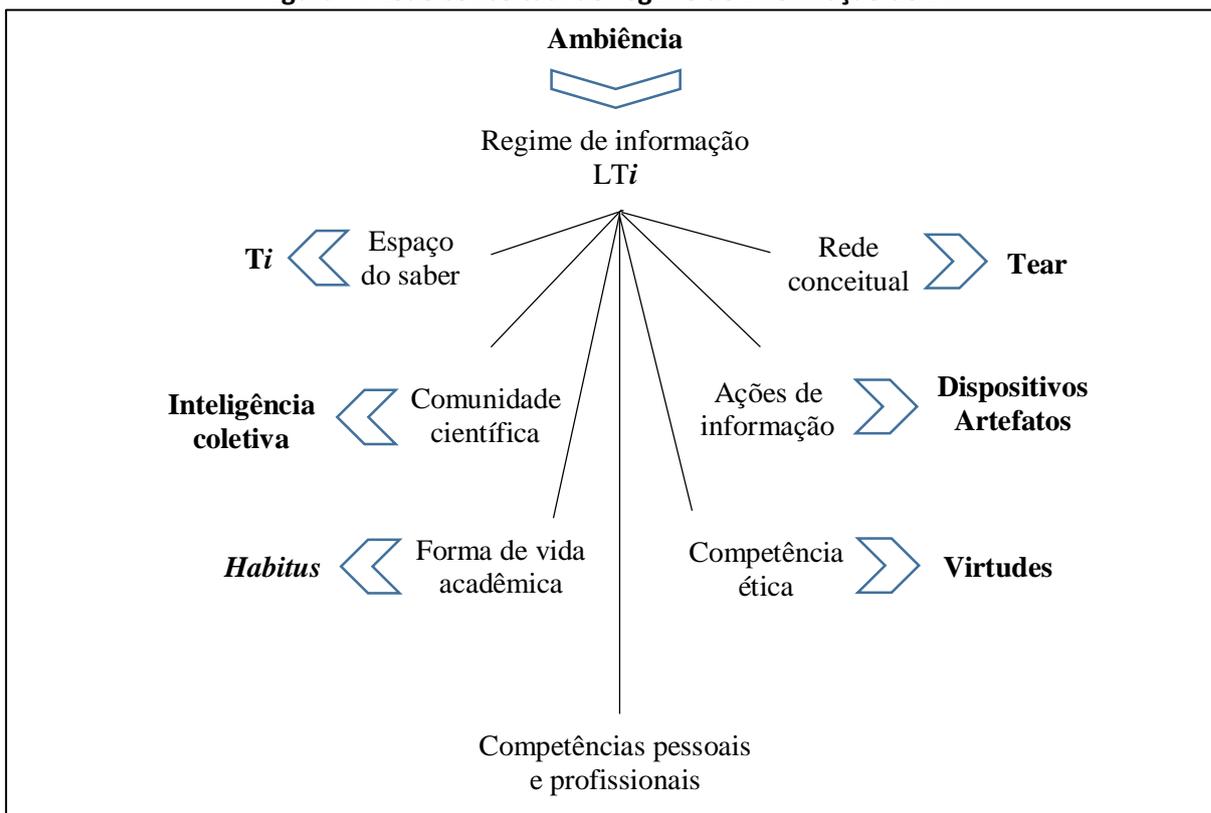
vividas, pois o mundo não é algo que nos é ‘dado’, mas é alguma coisa da qual participamos graças ao modo como nos movemos, tocamos, respiramos e comemos.²¹ Nessa perspectiva, a cognição não é formada por representações, mas por ações corporizadas: nossa memória ancestral está no corpo. Nesse sentido, o *saber fazer* se coloca em contraposição à reflexão e à análise, o *como fazer* registrado pela escrita.

Às manifestações do *saber fazer* no cotidiano — trabalhar, mover-se, falar, comer — Varela (p.31) acrescenta: responder às necessidades dos outros, definida como “o autêntico cuidar de si”. E conclui, então, que “um autêntico cuidar de si mesmo representaria o verdadeiro fundamento do Ser Humano, e poderia se tornar plenamente manifesto através de uma bem sucedida prática ética” (VARELA, 1995, p.32). Afirmção que se aproxima da ideia de uma responsabilidade social na formação do profissional da informação, que poderia se concretizar mediante a integração de ações informacionais e educacionais, como sugere Beluzzo (2005).

Uma *rede conceitual* entrelaçando, no *espaço do saber*, os fios da *forma de vida* de uma comunidade acadêmica, com suas oportunidades de criação de *inteligência coletiva* na ambiência do *ciberespaço*, fundamentada em *laços sociais* mediante a *competência ética* como modelo para desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais no campo da informação (Figura 4):

²¹ Conforme Varela (p.18), fundamentado em Piaget.

Figura 4: Rede conceitual do regime de informação do LT*i*



Fonte: Elaborado pela autora – 2017.

Enfim, encerrando essa nota de trabalho para futura reflexão, na qual entrelaçamos os fios de uma rede conceitual sobre uma competência ética necessária ao profissional da informação na sociedade contemporânea, reconhecemos que não há um manual a consultar sobre 'como fazer', nem um mapa a seguir para o desenvolvimento de competências profissionais no contexto de um saber fazer ético.

O que representa uma oportunidade histórica para os profissionais da informação, no que diz respeito a novas formas de atuação colaborativa, como uma *inteligência coletiva*, para criar modos e meios para a competência ética do profissional da informação, em paralelo a ações para cidadania (como portais de transparência) e inclusão social (como o empoderamento de grupos sociais na *web*). Pois seja no regime de informação de uma comunidade acadêmica, como no caso do Projeto LT*i*, ou no regime de informação da sociedade em rede, profissionais da informação produzem e compartilham informações que podem representar diferenciais significativos na vida de inúmeras pessoas e organizações sociais.

O presente relato descreve nossa primeira aproximação da problemática da competência ética no contexto da responsabilidade social da ciência e dos profissionais da

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

informação, no regime de informação de um projeto de pesquisa na ambiência da forma de vida de uma comunidade acadêmica, na sociedade em rede. Do ponto de vista da pesquisa, daremos continuidade à busca de indícios de novas trilhas bibliográficas no território da literatura, investigando os caminhos possíveis para o desenvolvimento do *saber fazer* no campo científico e profissional da informação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Vania M. Rodrigues Hermes de. **Sistemas de recuperação da informação**: nova abordagem teórico-conceitual. 1994. 371f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1994.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **Educação Temática Digital**, v.6, n.2, p.30-50, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/772/787>.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Maria do Carmo. M.; FERES, Gloria Georges. *Information literacy*: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, v.6, n.1, p.81-99, dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1004/1019>.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 191p.

BUFREM, Leilah Santiago *et al.* Ética e formação profissional: uma leitura da produção científica em Ciência da Informação (1970-2006). **TransInformação**, v.20, n.3, p.225-232, set./dez., 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/522/502>.

BASE DE DADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – BRAPCI. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/>.

CANALTECH.COM.BR. **O que é silício e por que os microchips são feitos desse material?** Disponível em: <https://canaltech.com.br/hardware/o-que-e-silicio-e-por-que-os-microchips-sao-feitos-desse-material/>.

DEWEY, John. **Human Nature and Conduct**. An introduction to Social Psychology. Londres: Allen&Unwin, 1922.

DONATO, Jair. Trama e urdidura. **Gazeta Digital**, 04 nov. 2014. Disponível em: <http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/92/og/1/materia/433695/t/trama-e-urdidura>.

FREIRE, Isa Maria. Indícios da inteligência coletiva no regime de informação do Laboratório de Tecnologias Intelectuais ? LTi. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Informação, 17, 2016, Salvador. **Anais Eletrônicos...**, Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/4108/2590>.

FREIRE, Isa Maria. Temática 'responsabilidade social' na literatura da Ciência da Informação indexada pela Brapci. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...**, Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/view/4004/3127>.

FREIRE, I. M. A utopia planetária de Pierre Lévy. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, p.122-132, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42324/45995>.

FREIRE, I. M. Reflexões sobre uma ética da informação na sociedade em rede. **Ponto de Acesso**, v. 4, n. 3, p. 113-133, dez. 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4518/3567>

FREIRE, Isa Maria. A consciência possível para uma ética da informação na sociedade em rede. In: Gustavo Henrique de Araújo Freire. (Org.). **Ética da informação: conceitos, abordagens, aplicações**. João Pessoa: Ideia, 2010, v. 1, p.123-141. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26301/2/armandomalheiropesquisa000107223.pdf>.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia (IBICT) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/682/1/isafreire2001.pdf>.

FREIRE, I.M.; SILVA, Alba Lígia de Almeida; NASCIMENTO, Geysa Flávia C. de Lima. A mandala das virtudes da Biblioteconomia. **RBBB - Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, p. 78-93, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/347/401>.

FREIRE, Isa Maria; SILVA, Julianne Teixeira. A mandala das virtudes da Arquivologia: relato de pesquisa. **Archeion**, v. 1, Esp., p. 33-44, 2013. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion/article/view/17125/9748>.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 263p.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, v.22, n.3, p.43-60, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376/8576>.

GOOGLE ACADÊMICO; Disponível em <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em 6 jul. 2017.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000. 236p.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 146p.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002. 432p.

PELLEGRINI, Eliane; VITORINO, Elizete Vieira. A dimensão ética da competência informacional dos Bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. In: XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2015, João Pessoa. **Anais Eletrônicos...**, João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2667/1065>.

MORÃO, Artur. Apresentação do tradutor. In: VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Ed. 70, 1995. 104p.

PORTAL LTI. Disponível em: <http://www.lti.com.br>.

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e info-ética. In: MORIN, E. (Org.). **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 308p.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 245p.

UNGER, Roberto José G.; FREIRE, Isa Maria. Regimes de informação na sociedade da informação: uma contribuição para a gestão de informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 87-114, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2014/2135>.

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Ed. 70, 1995. 104p.

VITORINO, Elizete Vieira. A formação contínua do profissional da informação: princípios epistemológicos à competência informacional. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 9, 2008, São Paulo. **Anais Eletrônicos...**, São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3083/2209>.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, v.38, n.3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236/1414>.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.230-242, 1993.

WERSIG, Gernot, NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v.9, n.4, p.178-201, 1975.

WERTHEIN, Jorge. A Sociedade da Informação e seus Desafios. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889/924>.